

O esperanto dos arquivos

Ricardo Cesar

Um grupo de empresas quer instituir um idioma universal dos documentos eletrônicos -- e enfraquecer o domínio da Microsoft nesse lucrativo mercado.



Schwarzenegger, governador da Califórnia: apoio ao ODF

A operação de auxílio às vítimas do tsunami no final de 2004 foi marcada por todo tipo de dificuldade. Percalços seriam inevitáveis em uma tragédia dessa proporção, que deixou um rastro de 200 000 mortes no Sudeste Asiático. Mas as equipes enviadas por mais de 60 países depararam com um problema inesperado: os relatórios e as planilhas trocados entre elas muitas vezes não abriam ou sofriam perdas de configuração que comprometiam seu entendimento. Como se não bastasse a dimensão da tragédia, os trabalhos de resgate e apoio às vítimas tiveram de enfrentar as complicações da tecnologia. Evitar situações como essa é um dos objetivos que levaram um grupo de pesos pesados da indústria de tecnologia, incluindo nomes como IBM, Sun Microsystems, Oracle e Google, a apoiar a criação de um padrão universal para documentos de escritório. Assim nasceu o Open Document Format, ou simplesmente ODF.

Essa poderia ser apenas a última sopa de letras num mercado notoriamente afeito a siglas incompreensíveis, mas é bem mais do que isso. O ODF é especialmente importante por dois motivos. O primeiro é que o padrão funciona como uma espécie de esperanto dos arquivos de computador, um idioma universal que garante a comunicação entre programas de origens diferentes, sem a necessidade de um intérprete. Mas o principal motivo é que essa tecnologia oferece uma garantia de que as montanhas de arquivos eletrônicos gerados diariamente poderão ser lidos no futuro. Quando uma companhia ou um órgão público cria documentos num formato proprietário, está amarrado a um fornecedor de software. Como saber se o fornecedor em questão estará no mercado dentro de, digamos, 20 anos? Ou 50 anos? "Se a carta de Pero Vaz de Caminha tivesse sido escrita com base em um conjunto de caracteres dominados por um único fornecedor, hoje provavelmente não seríamos capazes de lê-la", diz André Echeverria, diretor de marketing da subsidiária brasileira da Sun Microsystems.

Não é à toa que são os governos que prestam mais atenção no ODF. Desde janeiro, os documentos públicos do estado americano de Massachusetts são criados somente em ODF. Minnesota e Texas logo seguiram o exemplo e ainda neste ano votarão projetos de lei que tornam o padrão aberto obrigatório para arquivos públicos, incluindo textos, planilhas e apresentações. Em março foi a vez da Califórnia, do governador Arnold Schwarzenegger. O Brasil foi um dos pioneiros em abraçar o ODF. Já existe uma recomendação do governo federal para que órgãos públicos utilizem esse padrão. Embora ela não tenha força de lei, Rogério Santanna, secretário de Logística e Tecnologia do Ministério do Planejamento, espera que a diretriz seja seguida. "Temos de arquivar documentos por décadas ou mesmo séculos."

Disponível em <<http://portalexame.abril.com.br>>. Acesso em 22/3/2007.